

RDG

Revista do Departamento de Geografia USP

ISSN 2236-2878

Revista do Departamento de Geografia
Universidade de São Paulo
www.revistas.usp.br/rdg

V.33 (2017) Artigo Especial

**Significados semânticos da paisagem: paisagínario, paisageria, paisagelogia****Semantic contents of the landscape: landscapeginary, landscapery, landscapology***Adilson Avansi Abreu**
Universidade de São Paulo
avansiabreu@gmail.comRecebido (Received): 18/06/2017
DOI: 10.11606/rdg.v33i0.116526

Aceito (Accepted): 21/07/2017

Resumo: O autor procura identificar como se originou a paisagem terrestre e esclarecer os diferentes significados semânticos do uso da palavra. Discute a antiguidade da paisagem, construída de forma associada aos processos de hominização e a modernidade da paisagem como objeto da ciência, das artes, da literatura e como categoria de análise que funda a geografia como disciplina científica. Propõe três termos para diferenciar três amplos significados semânticos do estudo da paisagem: *paisagínario, paisageria e paisagelogia*.

Palavras-Chave: Paisagem, paisagínario, paisageria, paisagelogia

Abstract: The author attempt to identify how the Earth landscape was born and to clarify the semantic contents of the word landscape. The birth or construction of the idea of landscape went parallel to the hominization processes and took place together with the development of human culture and technology. In the Modern Age the idea of landscape took a central place on the development of many scientifics, artistic and literaries branches of the knowledge. In Germany it was the analysis category that dominates Geography in the XIX and the first half of the XX century. To clarify the semantic contents of the word landscape the author proposes three neologisms: *landscapeginary, landscapery and landscapology*.

KeyWords: Landscape, landscapeginary, landscapery, landscapology

La géographicité de l'être, en effet, ce n'est autre que la relation par laquelle la chose étendue est si peu étrangère à la chose pensante, qu'elle participe de son être même. Augustin Berque «*Ecoumène Introduction à l'étude des milieux humains*», p. 16, 1987.

* Artigo convidado para publicação (sem avaliação de pares, conforme regras do periódico). O artigo é derivado da palestra ministrada pelo autor durante a XVIII Semana de Recepção dos Calouros do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo.

1. INTRODUÇÃO

A paisagem, em suas diferentes escalas de ocorrência, foi considerada como objeto essencial da pesquisa geográfica. Ao analisar os fatos geográficos de interesse para investigação, P. Monbeig (1957, p. 5-25) chamou a atenção para a forma como eles se manifestam integralmente no “complexo geográfico” que “[...] se exprime antes de tudo, na paisagem formada una e indissolúvelmente pelos elementos naturais e pelos trabalhos dos homens, é a representação concreta do complexo geográfico. Por esta razão, o estudo da paisagem constitui a essência da pesquisa geográfica”.

O estudo da paisagem, todavia, recebeu pouca atenção dos geógrafos brasileiros nas últimas décadas, tendo se mantido como tema relevante apenas entre o que se dedicam à Geografia Física, particularmente a partir de motivações geomorfológicas e biogeográficas, vinculadas frequentemente a questões de natureza ambiental, contexto no qual o estudo com base em abordagens geossistêmicas tem prevalecido.

Paradoxalmente a paisagem passou a receber cada vez mais atenção em outros campos do conhecimento, como na ecologia, na arquitetura, na literatura e nas artes visuais, por exemplo. Ela passa a ser ícone das questões ambientais e ainda objeto de complexas indagações voltadas para a memória pessoal e coletiva, a identidade e o patrimônio cultural. Passa, ainda, a ser instrumentalizada pela política e pelo mercado por meio do *marketing*, com vistas ao turismo e empreendimentos imobiliários. Torna-se mercadoria.

O objetivo desta análise é sistematizar uma reflexão a respeito desta temática, que resultou tanto do trabalho de orientação de alunos na elaboração de dissertações de mestrado ou teses de doutorado, bem como de pesquisas pessoais, além de organização e ministração de disciplinas no Programa de Pós-Graduação em Geografia Física da USP. Alguns conceitos elaborados nesse processo já foram empregados nos referidos trabalhos, inclusive com a divulgação em periódicos (MAGNI, 2011). Faltou, todavia, uma referência que englobasse de maneira abrangente e sintética os principais elementos teóricos e conceituais dessa proposição, lacuna que este texto procura superar.

2. A ANTIGUIDADE DA PAISAGEM

Embora os estudos sistemáticos no campo da paisagem mal ultrapassem dois séculos, nas últimas décadas surgiram abordagens que, inspiradas pelos estudos da memória e da cultura, frequentemente associadas a preocupações que incorporam questões do campo da afetividade e do desenraizamento, alcançaram uma problemática que deve ser recuada, todavia, à emergência do Homem na face da Terra e aos processos produzidos pelo seu desenvolvimento cultural e técnico-material. Esse recuo, porém, deve ser feito com prudência para não transferirmos, de forma simplista, métodos e procedimentos aplicados no estudo do Homem contemporâneo para um passado relativamente remoto. O Homem no início do processo evolutivo era, certamente, muito diferente do Homem atual. Vale a cautela e a crítica necessária para o princípio do atualismo na Geologia, guardadas as devidas proporções, pois a história do Homem é muito curta, estando sua origem muito mais próxima do presente.

Pode-se considerar que a emergência do Homem na Terra se deu em um contexto de extrema ligação com a natureza e sua evolução será balizada pelo desenvolvimento do aprendizado, fruto de processos cognitivos que se tornarão cada vez mais complexos ao longo de milhares, ou até milhões de anos, durante os quais produzirá uma cultura que, além dos fatos puramente materiais, incluirá também, convicções e crenças, que definirão seu relacionamento com seus semelhantes a partir de um conjunto de valores, que, finalmente, produzirão normas e regras que evoluirão para os códigos e as leis.

Neste sentido, muito antes dos conceitos modernos e contemporâneos de paisagem serem formulados, ela já estava no âmago da evolução técnico-cultural do Homem, participando de seus processos de aprendizado, definidores de formas e tipos de comportamentos e comunicações que conduzirão à instituição da linguagem. A paisagem emerge com o Homem. Ela influenciará seu psiquismo no processo de aquisição de maior consciência de si mesmo, como indivíduo e como grupo. A paisagem é presença antiga na cultura humana e nasce com o processo de produção do ecúmeno, com o qual provavelmente se confunde nos primórdios.

A inspiração e a crítica para se entender esse passado distante pode ser baseada nos estudos antropológicos e linguísticos. No campo da antropologia as propostas de Durkheim e Mauss, formulados no início do século XX, interessando às representações individuais e coletivas abriram um campo de investigação que se mostrou fértil e avançou na compreensão do comportamento humano, com a proposição de conceitos fecundos que motivaram pesquisas e interpretações a partir de estudos empíricos de povos nativos isolados (COELHO, 1993; ALCÂNTARA *et al.*, 1993).

São trabalhos que exploram como o psiquismo humano elabora percepções e constrói representações a partir de imagens e símbolos, gerando comportamentos e meios para sua realização. A formação desses conceitos apoiou-se na teoria da Gestalt e, progressivamente, permitiu interpretar como o Homem classifica e organiza os dados da sua experiência sensível, produzindo uma lógica operacional para cada situação.

Os resultados das pesquisas antropológicas, linguísticas e etnológicas com esses grupos abrem uma fresta para que se possa especular sobre o comportamento do Homem em seus estágios iniciais, quando começa também a produzir o ecúmeno, a noosfera e a paisagem (BUDYKO, 1986).

É assim que se pode supor que a antiguidade da paisagem se aproxima da idade do Homem e procedeu de sua ação. Essa interpretação incorpora a ideia que os paleohumanos ao emergirem pensavam por imagens, as quais eram sucessivamente classificadas e ordenadas, produzindo um conjunto de ações comportamentais que, testadas, resultavam em um aprendizado e uma ação. Por este mesmo procedimento eram geradas operações complexas no campo dos sons por eles emitidos, produzindo igualmente operações de classificação e sistematização que conduzirão à linguagem.

Nesses tempos remotos o processo de hominização integrará o mundo material – repleto de desafios a serem vencidos – e o mundo onírico dos períodos de repouso (JUNG, 2008; RIBEIRO, 2013). As imagens visualizadas durante a vigília se transformarão e reaparecerão em seus sonhos, no processo proposto por Jung como definidor do “*self*”, originando as primeiras representações psicológicas dos indivíduos. Nelas o papel da “*anima*” e do “*animus*” vão direcionar as operações mentais individuais, que, progressivamente, serão compartilhadas e produzirão as representações, definidoras dos papéis que cada indivíduo assumirá nos grupos humanos iniciais. Esses processos ganharão complexidade com o decorrer do tempo e, provavelmente, contribuirão para o aumento da encefalização que se associa ao progresso da hominização (BUDYKO, 1986).

Desta forma o jogo das imagens recolhidas do mundo visível no estado de vigília e durante o sono se fundem e originam as representações individuais e coletivas, que se projetarão nas relações dos homens com seus semelhantes e no mundo visível que o envolve, mas também produzindo uma interpretação para o mundo não visível.

Progressivamente as representações psicológicas individuais do mundo serão consolidadas em dois planos: o individual e o coletivo. Essas representações, fundadas na observação da natureza sensível, irão ter papel norteador na evolução das sociedades, como evidenciou F. S. C. Northrop (1955) ao discutir, de forma comparativa, as relações do Homem com a natureza a partir do ponto de vista do desenvolvimento das sociedades não tecnológicas e tecnológicas, mostrando a emergência de valores éticos, estéticos e legais bastante contrastantes.

As sociedades não tecnológicas elaboram seu padrão de comportamento de maneira empírica, sensível e direta a partir de imagens colhidas que representam entes que nascem e morrem. O sol, por exemplo, um planeta ou animal. O ruído do trovão, chega até ele e vai embora, desaparecendo. O próprio homem, nasce e morre. Para que surja o novo é preciso que o velho morra. Entre os homens os seres se diferenciam pela consanguinidade e graus de parentesco. Emerge assim a noção de tempo cíclico e a norma legal é baseada no “*status*” produzindo a monarquia.

As sociedades tecnológicas vão produzir o conhecimento da natureza de forma diferente, a partir de entes não sensoriais, que serão testados de maneira indireta, de forma axiomática a partir de relações físico-matemáticas. Seus valores não se apoiam na observação empírica nem no estoque biológico da família, mas sim na tese de que o homem moral, legal e político é o homem universal. Emerge uma filosofia nova: igualdade entre os homens, que devem ter as mesmas oportunidades. O tempo é expansivo. A lei é a do contrato. O sistema político é a democracia. A emergência dessa concepção se dá na Grécia clássica e está se difundindo há poucos milênios. Nada tem a ver, portanto, com o homem antigo.

A passagem de um tipo de sociedade para outro tem sido progressiva e ainda há muita coisa no comportamento da humanidade que vem dos recuados tempos da memória individual e coletiva das sociedades não tecnológicas.

A paisagem emerge, portanto, a partir de um processo de dupla polaridade – a natureza e o homem – que produzirá representações individuais, que se transformarão em coletivas, através da socialização e culturalização. Será vista, portanto, de forma diferente, de acordo com o grupo humano considerado no tempo e no espaço.

Se o objetivo é discutir a antiguidade da paisagem não se pode desconsiderar a evolução do Homem a partir de seus ancestrais e a maneira como ele se dispersou na Terra, pois o *Australopithecus* e o *Homo Erectus* estavam sempre em movimento.

Ao tratar da construção da noosfera T. de Chardin (1955) e M. I. Budyko (1986) discutem como as diferentes linhagens humanas começaram a se dispersar, para depois, passarem progressivamente a convergir, levando ao interrelacionamento de diferentes sistemas culturais, no qual o grupo materialmente melhor equipado incorporava ou eliminava o mais frágil. Nesse processo o ecúmeno se ampliava e a noosfera se tornava mais complexa. **Porém, em que momento esse homem antigo passou a ter uma ideia de paisagem como representação?**

A. Berque (1987) elenca cinco critérios para identificar se uma cultura desenvolveu o conceito de paisagem, sendo o primeiro e o segundo que o ente designado por essa palavra fosse objeto ou produto de uma reflexão que gerasse a palavra. A esses dois critérios acrescenta mais três: a existência de representações em pinturas de paisagem; a representação das belezas da natureza pelos jardins e a existência de uma literatura oral ou escrita sobre a paisagem. São critérios pertinentes para um passado mais recente, mas de difícil aplicação, particularmente os dois primeiros quando, naqueles tempos recuados, os homens estavam dando os primeiros passos na construção da própria língua. A linguística e a semiótica fornecem elementos para se matizar o problema nesse passado distante.

O ponto a registrar é que o mundo visível que o rodeava fornecia os elementos imagéticos, térmicos, sonoros e olfativos que o motivavam a produzir artefatos e sons, que por convenção, no caso dos últimos, geraria um sistema de comunicação que se consolidaria em uma linguagem.

Nesse contexto emerge a paisagem que se prestou ao desenvolvimento cultural, constituindo-se em um **meio de comunicação e motivador do aprendizado** (WAGNER, 1972) para superar os desafios que emergiam. O próprio fogo deve ter sido dominado neste contexto, quer tenha sido primeiro conhecido por meio das queimadas originadas por descargas elétricas ou de erupções vulcânicas para depois ser produzido com o atrito de diferentes materiais.

Qual é a idade desses fatos? É difícil de precisar, os números são sempre provisórios.

O *Ramapithecus*, talvez o mais antigo ancestral no processo de evolução, tem fósseis encontrados na África e na Índia, que apontam para 14.000.000 de anos. Ainda habitava a copa das árvores. A ele não se pode aplicar os princípios cognitivos mencionados anteriormente. Deve ser desconsiderado.

O *Australopithecus*, que se segue na cadeia evolutiva, possui datações que sugerem 4.000.000 de anos. Esses fósseis já evidenciam um caminhar progressivamente mais ereto no solo. A datação do esqueleto de Lucy apontou entre 3,6 e 3,7 milhões de anos. Haveria dois ramos: o *Australopithecus robustus*, que teria se extinguido, e o *Australopithecus africanus*, que evoluiu nos planaltos cobertos de savanas da África oriental. Sua dieta incluía além de produtos de origem vegetal também carne de caça. Produziu a mais antiga cultura material registrada em artefatos de pedra. Supõe-se que ele se tornou cada vez mais ereto pelo uso dos artefatos, particularmente defensivos, cujo uso exigia respostas rápidas, o que teria contribuído para o desenvolvimento de seu cérebro (BUDYKO, 1986).

Produção e uso de ferramentas, posição vertical, cérebro mais desenvolvido transformaram-no no *Homo erectus*, provavelmente o primeiro ser da espécie humana. Teria surgido entre 1,8 e 2,2 milhões de anos.

O primeiro achado do *Homo erectus* se deu em 1891 na ilha de Java, foi datado de 600.000 anos. Posteriormente outros achados recuaram a datação para 700.000 anos. Já dominava o fogo.

Em 1927 foram descobertos 45 esqueletos de homens, mulheres e crianças nas proximidades de Pekin, datados em 400.000 anos. Seu cérebro já era maior que o do homem de Java. Usava o fogo para preparar os alimentos, sendo que a dieta se torna cada vez mais carnívora. Em 1907 já haviam sido descobertos fósseis próximos a Heidelberg, datados em 500.000 anos.

O homem de Java, o de Pekin e o de Heidelberg são contemporâneos, portanto, do período glacial. Atribui-se ao clima frio o estímulo ao uso do fogo para a preparação dos alimentos e aquecimento, particularmente importantes no caso do de Heidelberg e de Pekin.

Dessa fase recuada foi descoberto na região central da Espanha evidências do trabalho desse homem e um bom conhecimento do ambiente que operava. Não são fósseis dele, mas o registro do que ele fez. Trata-se de um antigo pântano, hoje dessecado, que conservou milhares de ossos de animais abatidos e muitos artefatos de pedra lascada, semelhantes aos usados pelo *Homo erectus* na África, acrescidos de peças de madeira bem trabalhadas. Há indícios que o trabalho de caça era executado por diferentes grupos, que agiam de maneira

planejada, colocando fogo na vegetação para forçar os animais a se deslocarem para o interior do pântano, onde o abate era executado. Data de 300.000 anos. Tarefa planejada e executada coletivamente por diferentes grupos de forma simultânea, permite supor a existência de um sistema de comunicação oral. Já teriam desenvolvido a linguagem? Teríamos o registro fóssil de uma paisagem cultural? Uma paisagem expressiva como propõe P. L. Wagner (1972).

Apesar de todo o progresso técnico material que esses achados evidenciavam havia sempre muita cautela em se afirmar que eram realmente humanos. Todavia desde meados do século XIX se acumulava um grande número de fósseis de idades mais recentes, distribuídos por toda Europa e ao redor da bacia do Mediterrâneo, prolongando-se até o Iraque e também na Sibéria. O sítio do qual retirou seu nome localiza-se no vale do rio Neander, em uma gruta perto de Düsseldorf encontrada em 1856. Os restos achados já não permitiam dúvidas, era humano, tendo sido designado de *Homo neandertalensis*. A análise arqueológica revelou que tinha grande sintonia com a paisagem que habitava: vestia-se com peles para se proteger do frio, caçava renas e mamutes, morava em cavernas que o abrigava das nevascas. Seus artefatos de pedra e madeira eram sofisticados. Já eram parecidos fisicamente com os europeus atuais. Seu cérebro era do mesmo tamanho, talvez até um pouco maior. Os fósseis mais antigos alcançam 110.000 anos e revelam estatura menor e compleição mais frágil. Os de 50.000 anos e menos revelam-se mais altos (quase 1,5 m) e robustos apesar do resfriamento climático. Hoje supõe-se que ao expandir-se da Europa para a Sibéria teria se encontrado com uma população já estabelecida há mais tempo na Ásia, o chamado **Homem de Denisova** ou **denisovano**, terminologia referente à caverna onde teria vivido um eremita de nome Denis, no século XVIII, o que teria originado o topônimo Denisova. Aí foram localizados restos fósseis dos neandertais, dos denisovanos e do Homem atual. Neandertais e denisovanos descenderiam provavelmente de um ancestral comum, o Homem de Heidelberg. Há 35.000 anos os neandertais desaparecem da Europa.

Há 37.000 anos emerge outro conjunto fossilífero, com indivíduos que já tinham a aparência dos europeus atuais. Trata-se do **Cro-Magnon**, nome retirado do sítio de ocorrência, descoberto ao se construir uma estrada em 1868 na França. Chegaram na Europa antes do desaparecimento do Neandertal, especulando-se como teriam se relacionado: massacraram os neandertais? Expulsaram-nos? Ou os assimilaram?

Sua estatura média era de 1,65 m. Os sítios arqueológicos revelam diferenças regionais. Eram bem dotados intelectualmente, o que se depreende das representações artísticas das cavernas e grutas. Pode-se ver nelas sua autorrepresentação e a representação de seus semelhantes, registros da fauna e da flora, sendo que certos conjuntos podem ser interpretados como representação de paisagens.

Onde havia grutas ou cavernas essas eram suas habitações – como os neandertais –, onde estas não ocorriam construíam agrupamentos de tendas de peles apoiadas em ossos de mamutes, ou escavavam abrigos no solo e construíam cobertura com turfa, o que era muito adequado para os rigorosos invernos glaciais. A cultura incluía rituais de sepultamento dos mortos, oferendas e pintura dos cadáveres com tinta ocre. Para ele a paisagem já era um sistema de comunicação (WAGNER, 1972) que ele compreendia e respondia, por meio de suas ações materiais, criando valores expressivos.

Há 25.000 anos supõe-se que a Terra tinha 3.000.000 de habitantes. A expectativa de vida não chegava a 30 anos. Os sistemas biológicos vegetais e animais registram um distúrbio que tem sido atribuído à ação do Homem, que alterou esses estoques e provocou redução da caça e da própria população humana. Essa crise ambiental teria motivado o homem a substituir progressivamente a caça pela domesticação e criação de animais e a iniciar a agricultura, inaugurando uma nova etapa evolutiva há 10.000 anos. Já se trata do neolítico.

O homem tornou-se sedentário. O ecúmeno antes instável e móvel passa a se expandir de maneira mais sistemática a partir de sítios centrais para fora, ampliando-se progressivamente. O homem e a natureza estão cada vez mais fundidos na paisagem, que expressa de forma material sensível o ecúmeno e a noosfera. E ele já a representa como sistema de comunicação bem estabelecido para o imaginário individual e coletivo, tendo participado de seu reconhecimento psicológico, gerando mitos e lendas (JUNG, 2008). Segundo J. E. Cirlot (2005, p. 438)

[...] a intelecção do significado de uma paisagem já é plenamente objetiva, como são os valores simbólicos das cores e dos números. Os chineses já haviam pressentido isso com extraordinária clareza. Luc Benoit nos diz que a arte chinesa sempre deu mais importância à paisagem que ao homem (como figura) e ao macrocosmo que ao microcosmo.

Nessa sequência as sociedades não tecnológicas passarão a conviver com as tecnológicas, a partir da emergência de um pensamento teórico-axiomático na Grécia antiga como exposto por F. S.C. Northop (1955). A passagem de uma forma de sociedade para outra pode ter sido progressiva e pacífica em alguns casos, mas nos últimos três milênios registraram-se processos de contato que se associaram a guerras e conquistas. Nos últimos séculos foi fruto de ações associadas à expansão mercantil, industrial e financeira capitalista, que de início teve base na Europa, transformando todo o planeta, desorganizando culturas e sociedades em todos os continentes. Assim sucedem-se no tempo a helenização, a romanização, a europeização, a americanização e por fim a globalização.

O ecúmeno aproxima-se de seus limites planetários. A noosfera se transforma em complexo sistema onde circulam ideias, técnicas, referências culturais, símbolos e comportamentos. Torna-se cada vez mais sofisticada e veloz. Da física clássica de origem grega se passa para a da relatividade e a quântica. Da lei do “*status*” e da monarquia atinge-se, muitas vezes de forma revolucionária, a lei do contrato e a democracia. As paisagens originadas nesse novo contexto tendem a suprimir as paisagens anteriores. As diferenças culturais tendem a diminuir. Emerge uma cultura de massas, fruto de uma indústria cultural. O mercado produz uma padronização crescente, objetivamente registrada pela enorme redução de plantas cultivadas pela agricultura e pela semelhança que se instala nos grandes centros urbanos de todos os continentes. Isto tudo tem forte impacto no imaginário do homem contemporâneo.

A manutenção, todavia, em vastas áreas e populações, de valores culturais diferentes dos dominantes nas sociedades tecnológicas centrais, origina forte tensão no mundo contemporâneo. Na realidade o homem e sua cultura ainda é muito diverso de uma região para outra da Terra. A dominância tecnológica dos meios de comunicação pode induzir a erros e ao julgamento de que se está próximo de alcançar um padrão global de comportamento, o que ainda está muito longe no horizonte, se é que um dia ocorrerá.

3. A MODERNIDADE DA PAISAGEM

Em seu livro “Ver a Terra: seis ensaios sobre a Paisagem e a Geografia”, J. M. Besse (2006, p. 1-2) abre o texto registrando que se atribui a Petrarca o que tem sido chamado de “experiência paisagística” inaugural, “no que residiria a ‘modernidade’ [...] do ponto de vista da história das concepções de natureza, bem como das relações práticas que o homem mantém com o mundo sensível”. No segundo capítulo, intitulado “A Terra como paisagem: Brughel e a Geografia”, observa que antes de ter um sentido estético “característico de um gênero de pintura a partir do século XVII e XVIII, a palavra *landschap* (*Landschaft*, *paese*) possui um significado que se pode dizer territorial e geográfica” (BESSE, 2006, p. 20) que deslizará para as concepções de território, região e espaço.

Se do ponto de vista estético ela está associada a uma mudança de concepção de natureza, é importante registrar que essa nova perspectiva vai produzir uma transformação radical na ciência e nas técnicas, que vão sendo testemunhadas pela cartografia. Os mapas de conjunto, os planisférios, vão registrando cada vez com mais precisão os continentes, os mares, a diversidade da natureza e dos homens. Eles incorporam também, por meio de ornamentos e símbolos uma narrativa que permite analisar como os europeus iam se identificando em relação aos outros. Do estranhamento inicial surge a curiosidade e a busca por informações, frequentemente motivada por interesses econômicos, que leva ao aparecimento de uma literatura e iconografia de viagem, explorando o exótico e o pitoresco, mas que também vai pondo em dúvida as certezas sobre a origem da Terra e do Homem.

Se até então as indagações sobre a origem da Terra, dos seres vivos e do Homem eram pouco relevantes, porque a explicação teológica bíblica era satisfatória, a descoberta de uma nova realidade punha essas convicções por terra. No século XVIII J. Hutton (1795) vê nos processos erosivos que observa indicadores que permitem formular outra explicação para a origem e evolução das formas de relevo. Na sequência C. Lyell (1830-1832) e C. Darwin (1859) formularão novos paradigmas para se interpretar a origem dos continentes, a história da Terra e a própria origem da vida e dos seres humanos.

Nesta época, a cartografia ganha precisão. A definição da forma e distribuição dos continentes, mares e oceanos é feita com progressivo rigor. A representação do interior das terras emersas passa a ser feita com registros bastante exatos da localização de todos os elementos que aí ocorrem. Vegetação e plantas, temperaturas, precipitações, topografia, cidades, campos, estradas, limites territoriais e políticos – enfim todo o complexo natural e dos fatos produzidos pelo Homem é identificado, classificado e localizado. Surge, aos poucos, um “quadro” ou “imagem” (“*Bild*”, segundo SCHLÜTTER, 1973) da Terra, que ganha vida e dinâmica. A “*Bild*”, ou “*Gebilde*”, como unidade de classificação influenciará a emergência, na França, do

“*tableau*”, particularmente na obra de Vidal de La Blache.

No campo de interesse da Geografia, I. Kant (1724-1804), que ministrou durante muitos anos um curso de Geografia Física, vai discutir questões fundamentais para a filosofia e a ciência, estabelecendo uma análise do tempo e do espaço, que será incorporada aos poucos ao estudo da paisagem. Este “quadro” ou “imagem” (*Bild*) já estará referenciado no tempo e no espaço por Alexander von Humboldt (1769-1859). Se antes a pergunta estava centrada no “onde?” ela passa agora a se preocupar com o “como?” e o “por quê?”, com vistas a explicar a origem e evolução dos fenômenos que ocupam a superfície da Terra. Neste contexto, influenciados por Goethe (1749-1832) a expressão **morfologia** se integra no vocabulário dos geógrafos alemães.

É neste contexto que a preocupação com a paisagem, pela perspectiva da ciência moderna, se constituirá como categoria de análise que funda a instituição da Geografia como ciência nas universidades alemãs. Desta categoria emergirá a outra categoria de análise da Geografia, o espaço, como evidenciaram com perspectivas contrastantes M. Santos (1978) e C. Raffestin (1978).

O estudo da paisagem em Geografia se apoiou, inicialmente, na natureza e evoluiu incorporando a transformação produzida pelo Homem, que implicará no reconhecimento da diferenciação cultural da mesma. Esses estudos sobre a paisagem emergem em fins do século XIX tanto nos Estados Unidos como na Alemanha. São dois núcleos e duas fontes epistemológicas de relevância para se entender muito do que se faz hoje no campo do planejamento ambiental e da paisagem. Nos Estados Unidos, com William Morris Davis surge a fisiografia da paisagem. Na Alemanha com Siegfried Passarge surge a fisiologia da paisagem (ABREU, 1983). A fisiografia, associada à teoria do ciclo geográfico, encontrou pouco espaço na Alemanha, onde foi submetida a vigorosa crítica por S. Passarge (1919, 1921, 1922), formulador de uma ciência e de uma teoria da paisagem, que balizou praticamente todas as propostas subsequentes, embora poucas referências fossem feitas a ele no pós-segunda guerra mundial, provavelmente devido sua filiação ao Partido Nazista (HALLAIR, 2011).

Na passagem do século XIX para o XX o estudo da paisagem ocupou um lugar central nas discussões teóricas e metodológicas que se travaram na Alemanha, na sequência das obras de Alexander von Humboldt, Carl Ritter e Friedrich Ratzel. Esses autores deram origem aos chamados **princípios da geografia, ao analisar os fatos da natureza e da sociedade a partir dos sítios e situações de ocorrência produzindo espaços, limites e transições.** Eles, todavia, produziram análises dos fatos a partir de métodos diferentes. Essa diferença é registrada na aula inaugural proferida por Ferdinand von Richthoffen no ano de 1883 na Universidade de Leipzig.

Na exposição feita naquela oportunidade, F. F. von Richthoffen (1883) analisou o encadeamento dos pontos de vista que conduziram a abordagem dos fatos geográficos em Humboldt, Ritter e Ratzel, considerando também os antecedentes propostos por Bernhardus Varenius. À Humboldt atribui o avanço nas análises corológicas e a percepção do interrelacionamento dos fenômenos, que produziu grande avanço científico na Geografia. Todavia sua influência acabou sendo menor que a de Ritter, provavelmente pelo fato dele ter sido professor do ensino privado, ao passo que Ritter era do ensino público, tendo exercido grande influência no sistema universitário a partir da Universidade de Berlim. Por esse motivo, parte do método que gerava uma visão integradora em Humboldt foi abandonado e boa parte dos conteúdos passaram a ser desenvolvidos por outras disciplinas, como a geologia, a botânica e a zoologia. As ideias de Ritter, registra von Richthoffen (1883), expressavam uma postura filosófica que articulava a Geografia com a História, as quais passaram a ser vistas como ciências irmãs, embora na sequência a Geografia caísse para uma posição de inferioridade, sendo encarada como ancilar. Ele também não desenvolveu um método próprio de investigação, embora tivesse reconhecido a influência recíproca do Homem e da natureza em abordagens corológicas. Já Ratzel desenvolveu método analítico próprio, ordenando os fatos em categorias e procurando identificar um princípio articulador baseado nas causalidades, que acabou também relacionando a Geografia com História.

A partir dessa revisão von Richthoffen propõe um método para a análise geográfica, no qual a proposta de Humboldt é bastante valorizada e que pode ser expressa na análise dos fatos a partir de 4 pontos de vista: 1º) a configuração material ou visível (*äussere Gestaltung*); 2º) a articulação das partes (*Zusammensetzung*); 3º) as relações de causalidade (*ursächlichen Beziehungen*) e; 4º) o desenvolvimento genético (*genetische Entwicklung*).

Posteriormente, F. F. Von Richthoffen (1886) publicou texto mais detalhado que serviu de base teórico-metodológica para a evolução da Geografia em língua alemã, mas que também repercutiu entre os geógrafos franceses e de língua inglesa. É o célebre “*Führer für Forschungsreisende*”. Ocupou, então, a cátedra de

Geografia da Universidade de Berlim, onde permaneceu até os primeiros anos do século XX.

Essa concepção metodológica influenciou fortemente toda a Geografia alemã e foi retrabalhada e detalhada por S. Passarge que a aplicou na África e propôs uma teoria da paisagem (1919-1921) e sua aplicação à Terra (1922).

Usando as possibilidades linguísticas do alemão ele formula a *Landschaftskunde*, difícil de se traduzir de maneira exata para outras línguas, que pode ser compreendida como teoria da paisagem, com a cautela de se registrar que a terminação *kunde* pode significar tanto arte ou ciência, como também teoria ou doutrina sobre algo. Essa opção linguística, todavia, dificultaria a compreensão de suas ideias fora do espaço germanofônico. Todavia terá forte influência na Europa Central, incluindo de forma expressiva a Geografia russa.

Para Passarge a *Landschaftskunde* seria a teoria ou ciência da disposição e compreensão dos espaços, onde ocorre a fusão dos componentes unitários da paisagem. Ela permitiria se chegar a uma tipologia de paisagens e a construção de complexos ou modelos ideais (*ideale gebilde*). Deveria adotar um princípio de classificação apoiado no **conceito de sistema**, como já havia feito Lineu no campo da taxonomia das plantas. Procedimentos comparativos gerariam um sistema de tipos de paisagens que produziriam os fundamentos da análise espacial da paisagem.

Pela importância relativa dos elementos analisados de forma hierárquica seriam definidas de início as ocorrências de menor expressão no espaço, que reuniriam fatos de configuração homogênea, designados por ele de *Landschaftsteile* ou **unidades de paisagem**. O agrupamento dessas unidades, obedecendo critérios apoiados nos aspectos naturais, originaria uma ocorrência de maior expressão espacial – ele dava como exemplo o Harz – identificada propriamente como paisagem ou *Landschaft*. O agrupamento dessas **paisagens** originaria uma categoria de ordem mais elevada, obedecendo princípios de zonalidade climática e botânica designada de *Landschaftsgebiete* (**região ou espaço paisagístico**). Todavia era necessário considerar-se a interferência do relevo, que introduzindo um componente de diferenciação vertical, rompia o princípio de zonalidade, produzindo um **domínio ou bloco paisagístico** específico (*Landschaftsblock*). Chamou a atenção para a importância desse elemento vertical diferenciador para as regiões tropicais e subtropicais, uma clara herança de Humboldt.

Na sequência destaca que considerar apenas os aspectos da natureza não era suficiente, pois a gênese da paisagem não é tão simples. A esses critérios devem ser incorporados os que identifiquem a obra produzida pela cultura humana. Registrou que nos espaços onde ela já transformou totalmente a cobertura vegetal original, **a ação humana é que permitirá se entender a paisagem**. Chamou a atenção para as **marcas do povoamento**, registrando que se a **agricultura gera uma paisagem própria, as cidades, principalmente as maiores, criarão uma paisagem específica**. Conceituou e aplicou os termos **paisagem cultural** (*Kulturlandschaft*), **estepe cultural**, no sentido de áreas cultivadas que substituíram a cobertura vegetal original (*Kultursteppen*) e **paisagem urbana** (*Stadtlandschaft*).

A designação das paisagens, justificou, **deve revelar a natureza das relações que a caracterizam. Para isso, é fundamental o uso da cartografia da paisagem**.

As paisagens se produzem, portanto, com fundamentos da natureza, originando cinturões zonais e domínios azonais e se modificam pela ação do homem, que as transformarão em paisagens culturais. Destaca que enquanto as relações da paisagem com a natureza são facilmente estabelecidas, as relações com o homem são mais cambiantes e de maior complexidade, sendo necessário se recorrer às ciências do homem (*Menschenkunde*) como a antropologia, a economia, a história, a geografia humana e a psicologia.

Discutiu o lugar do estudo da paisagem no contexto geral das ciências humanas e da geografia, encerrando com uma frase que dá uma ideia relativamente visual deste lugar ao dizer que o estudo da paisagem ocupa uma posição central na ciência, se esta for simbolicamente encarada como uma roda, fixada em um eixo que permite seu movimento. O estudo da paisagem poderia ser colocado no centro dessa roda, no ponto que une seus raios ao eixo e fixam o aro externo. Cada raio representaria uma disciplina que, com o movimento da roda provocaria um deslizamento e uma integração, que explicariam a emergência da paisagem cultural.

Alguns anos após a publicação da proposta de Passarge, O. Schlüter (1973) reconheceu seu avanço no campo da Geografia Cultural em um artigo publicado em edição especial do “*Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin*”, editado em 1928 em comemoração ao centenário da fundação da referida associação e

republicado em 1973, embora apontasse de forma crítica, que havia ainda muito a fazer. Passarge, porém, teria apontado um pensamento condutor relevante quando abordou a paisagem urbana.

Fato é que as ideias de Passarge foram fecundas na Alemanha e colocaram a paisagem no centro dos estudos geográficos, ocupando o principal lugar nos currículos de ensino fundamental e médio, até os anos 70 do século passado, quando emergiram também abordagens mais ligadas às questões econômicas e sociais no contexto da **Geografia Social**. Mas ela a rigor não desapareceu e sim mudou a abordagem dos fatos culturais e naturais.

Na Alemanha ela teve também influência nos estudos geomorfológicos, que passarão a dar atenção especial aos processos associados aos climas do presente e do passado, culminando com a obra de J. Büdel (1982) e seus conceitos de Geomorfologia Climática e Climatogenética. Associada a proposta teórica de W. Penck (1924) terá aplicação na análise dos depósitos correlativos e, por meio do conceito de fisiologia da paisagem emergirá claramente na obra de Aziz Ab'Sáber, cuja metodologia exposta no trabalho “Um conceito de geomorfologia a serviço das pesquisas sobre o Quaternário” (AB'SÁBER, 1969) baliza até hoje grande parte das investigações no campo da Geomorfologia e sua aplicação. Foi, todavia, na identificação e cartografia dos domínios morfoclimáticos e paisagísticos brasileiros que a filiação epistemológica a Passarge mais fortemente se manifestou, com a aplicação dos princípios de zonalidade e azonalidade.

Nos Estados Unidos sua proposta para a análise cultural da paisagem foi retrabalhada por Carl O. Sauer, originando uma ruptura com a Geografia desenvolvida a partir de W. M. Davis (1854-1934), que tinha originado os estudos de fisiografia, secundados pelos trabalhos de Ellen Churchill Semple (1863-1932), que produziu uma abordagem ambientalista julgada inadequada (SEMPLE, 1911). Foi igualmente bem recebida por Richard Hartshorne que publicou em 1939 “*The nature of Geography*”. Essa vertente inaugurada por Sauer terá enorme desenvolvimento e evoluirá para os estudos de percepção da paisagem.

Todavia o método de investigação e análise proposto por Passarge, baseado em uma cartografia analítica que depois se integrava, gerando documentos de síntese, foi considerado muito trabalhoso, pouco prático e de difícil execução, além de ser criticado pelo uso simultâneo de indução e dedução. Hoje essas críticas perderam relevância com o desenvolvimento da cartografia digital e os diferentes modelos de análise digital dos elementos da paisagem.

Os estudos da paisagem foram ainda objeto de atenção de C. Troll (1932, 1959, 1966), que se dedicou particularmente ao estudo das montanhas tropicais e subtropicais.

No contexto da ação do homem como agente de impacto sobre a natureza, Edwin Fels vai apresentar no Congresso Internacional de Geografia do Rio de Janeiro em 1956, comunicação sobre a Geomorfologia Antropogenética. Em diversas oportunidades Ab'Sáber registrou a importância dos conceitos discutidos nesse Congresso, que renovou a abordagem da geografia no Brasil.

A proposta sistêmica de análise da paisagem de Passarge ganha força posteriormente, com V. B. Sotchava (1974), que a reveste de nova linguagem em “*Das Systemparadigma in der Geographie*”, sendo incorporada ou reinterpretada nas inúmeras versões dos chamados geossistemas.

O mais significativo, todavia, é que a temática da paisagem foi incorporada, a partir de meados do último século por inúmeras outras disciplinas, gerando uma enorme polissemia para esta palavra. Psicologia, Arquitetura, Antropologia, História, Direito, Engenharia, Geotecnia, Agronomia, Biologia, só para lembrar algumas disciplinas, passam a se interessar pela paisagem, que progressivamente também vai ganhando relevância no campo das artes e da literatura. No encontro de todas surge a questão sobre a memória, o esquecimento, o desenraizamento e o patrimônio cultural, que incorpora também a natureza, com o advento ainda da Ecologia da Paisagem.

Assim, ao lado de um grande número de alternativas científicas para se investigar a paisagem com base em dados empíricos, cresce também o interesse pela paisagem a partir de criações artísticas no campo das artes visuais e da literatura. O olhar artístico que funda o renascimento e a modernidade, progressivamente se torna mais refinado e complexo nas indagações sobre a paisagem. Novas formas de se fixar a paisagem na pintura, o advento da fotografia e do cinema vão diversificar e ampliar o olhar estético sobre a paisagem, que já vinha de longa data nos diversos gêneros literários. Emerge cada vez com mais força uma **retórica da paisagem**, já praticada na literatura por gregos e romanos que utilizavam a expressão **panorama**, para significar a visualização do território ou cenário, a partir de um ponto elevado.

Nas modernas línguas europeias a palavra **paisagem** tem origens distintas e remete a formas de concepção diferenciadas.

Enquanto nas línguas neolatinas ela deriva de *pagus* e se vincula à ideia de país ou região, nas neogermânicas vem de *Landschaft*, cujo sentido remete a uma ideia de unidade territorial produzida pelo trabalho, uma vez que neste termo *Land* é o antônimo de *Wald*, floresta, que é o espaço não transformado pelo trabalho. Surgiu no antigo alto alemão para designar uma unidade agrária de produção, sob o controle de um senhor feudal, deslizando para os termos utilizados em holandês e em inglês, que incorporaram outros significados.

Nas duas concepções (latina ou germânica), porém, o Homem é a referência. A paisagem surge da fusão entre cultura e natureza, como registrado por Besse na epígrafe que abre esta reflexão, ou usando o latim de Descartes, a “*res cogitans*” e a “*res extensa*” se interseccionam e se fundem sem todavia, perder as respectivas identidades, o que já havia sido percebido pelos romanos conforme se depreende de três ponderações: 1. *Natura expellas furca, tamén usque recurret* (a natureza pode ser expulsa à força, mas ela sempre volta); 2. *Tempora mutantur, nos et mutamus in illis* (os tempos mudam, e nós com ele); 3. *Quidquid agis, prudenter agas et respice finem* (o que fizerdes, faça com prudência e considere o que resultará).

4. CONCLUSÃO

Esta análise foi propositalmente simplificada e concisa. Há inúmeros aspectos que ficaram ausentes dessa síntese. O objetivo foi mostrar a paisagem que foi criada pelo Homem, mas que também o criou em um processo de transformação dialética.

Nos tempos remotos de hominização a natureza, por meio de suas imagens, gerava sinais que estimulavam o comportamento e o aprendizado. Surgia às vezes como ameaça e risco, que impunha soluções de tarefas complexas a serem executadas, de início individualmente e, depois, coletivamente. Nesse distante e longo passado a postura física do homem se modificou com a liberação dos membros superiores. A encefalização progrediu. Surge, progressivamente, o indivíduo e por consanguinidade, primeiro o grupo familiar e depois a horda. O aprendizado individual evoluiu para o coletivo. Emerge um imaginário individual e pelo compartilhamento, um coletivo. Dos indivíduos, progressivamente, formam-se grupos e sociedades. Os pequenos e móveis ecúmenos iniciais se ampliam, se seccionam, se fundem, produzindo uma noosfera que progressivamente se torna mais complexa.

O imaginário individual e coletivo passam a exercer importante papel na construção das identidades, que se fixam na cultura e plasam a paisagem cultural que, progressivamente, se torna mais complexa, produzindo maiores transformações na paisagem natural. O olhar europeu que vai articular a partir das grandes navegações todo o planeta é fundamental para se compreender a evolução da paisagem mundial nos últimos cinco séculos (ARNOLD, D., 2001). Ele será seguido pelo olhar dos europeus transplantados, que serão partícipes num processo progressivo de divulgação e, muitas vezes, imposição de valores éticos, estéticos e legais, como registrado por Northrop (1955), associado a uma nova concepção sobre a ciência, no bojo da qual surge a paisagem como objeto de indagação.

Pode-se, portanto, de maneira simplificada, reconhecer, hoje, três planos semânticos de abordagem da paisagem: o da sociedade, o do indivíduo e o da ciência, respectivamente identificados por três neologismos: **paisaginário, paisageria e paisagelogia**.

O **paisaginário** é o plano semântico no qual se agrupam as representações coletivas da paisagem, compartilhadas por um grupo social. Pode ser analisado de diferentes formas e em diferentes escalas. Dentro de um grupo que compartilha um paisaginário pode haver variações no que se refere a particularidades e especificidades. Por exemplo o paisaginário brasileiro é composto por muitas representações simbólicas comuns a todos, mas possui também uma grande diversidade regional, que se enraíza nas variações dos processos que integram este vasto território. É uma autorrepresentação simbólica coletiva que se articula em diversos níveis, o que pode também incluir rejeição dessas representações por alguns grupos. Isso decorre de muitos fatores que vão da diversidade da natureza e os contrastes entre os processos históricos de desenvolvimento cultural, econômico e social. Em países menores, com maior homogeneidade natural, social e cultural a representação simbólica coletiva apresenta menor diversidade, como bem exemplificam Lowenthal e Price (1972) ao analisar as preferências paisagísticas dos ingleses.

A **paisageria** é o plano semântico da representação simbólica individual da paisagem. Ela se movimenta no **paisaginário** que compartilha com os outros integrantes da mesma coletividade, mas possui especificidades originadas da aceitação diferenciada ou rejeição de partes da representação coletiva. Pode encarar de maneira crítica o paisaginário do grupo que integra e representá-lo de maneira própria. Pode gerar um olhar específico sobre a paisagem e representá-la de maneira qualificada e autoral tanto na literatura como nas artes. No campo da pintura, por exemplo, a passagem da representação clássica da paisagem para as formas de olhar que emergem com os diferentes movimentos artísticos nos séculos XIX e XX registram magistralmente a paisageria de cada pintor.

A **paisagelogia** agrupa os planos semânticos que se originam da pesquisa produzida pela ciência em geral, emergindo das diversas ciências humanas e naturais e no campo das artes e da literatura. Organiza-se a partir de muitos eixos conceituais e pode também ter uma finalidade aplicada em diversos tipos de planejamento e intervenção interessando ao ambiente, à sociedade, à economia, à cultura etc. Pode também se voltar para questões que se articulam a partir do **paisaginário** e da **paisageria**, quando se valorizam estudos no campo das percepções. Para as artes e a literatura, a semiótica, a linguística e a teoria literária ganham relevância. Na **paisagelogia** a tônica da abordagem é proposta pela natureza do problema a ser encarado pelo pesquisador, ou o tipo de ligação que mantém com a paisagem sensível ou empírica. Não é raro que pesquisadores deste plano semântico não vejam a paisagem como uma expressão do homem e manifestem certo estranhamento a esse ponto de vista. É o extremo do estudo da paisagem como produto da natureza. O mesmo pode ocorrer com pesquisadores do campo das ciências humanas que negam a pertinência da natureza na explicação da paisagem. São posturas ideológicas no plano semântico da ciência.

A realidade, todavia, é que esses planos semânticos estão muito relacionados e sua separação é apenas um recurso discursivo de prática analítica. O mais frequente é o pesquisador articular esses planos no desenvolvimento da investigação da paisagem, sendo conveniente, todavia, que ele saiba diferenciá-los no processo de interpretação dos resultados. É absolutamente fundamental que ele explicita qual o significado que o termo paisagem assume no contexto de sua investigação ou explanação. Se isso não for feito o termo torna-se ineficiente ou impreciso.

BIBLIOGRAFIA

- AB'SÁBER, A. N. Os domínios morfoclimáticos na América do Sul. Primeira aproximação. **Geomorfologia**, nº. 52, Instituto de Geografia da USP, São Paulo, 1977.
- _____. Potencialidades paisagísticas brasileiras. **Geomorfologia**, nº. 55, Instituto de Geografia da USP, São Paulo, 1977.
- _____. A organização natural das paisagens inter e subtropicais brasileiras. **Geomorfologia**, nº 41, Instituto de Geografia da USP, São Paulo, 1973.
- _____. Um conceito de Geomorfologia a serviço das pesquisas sobre o Quaternário. **Geomorfologia**, nº. 18, Instituto de Geografia da USP, São Paulo, 1969.
- ABREU, A. A. A Teoria geomorfologia e sua edificação. Análise crítica. **Revista do I.G.**, São Paulo, 4 (1/2), p. 5-23, 1983.
- ALCÂNTARA, M. L. B. et alii. Estudos preliminares sobre cognição e simbolização através de duas tradições antropológicas: a norte-americana e a francesa. **Revista Imaginário**, São Paulo, USP, p. 73-97, nº 1, 1993.
- ALVES, I. *et al.* Genomic data reveal a complex making of humans. **Plos Genetics**, July 2012, V. 8, Issue 7, p. 1-7.
- ARNOLD, D. **La naturaleza como problema histórico: el medio, la cultura y la expansión de Europa.** Fondo de Cultura Económica, México, 2001.
- AZEVEDO, A. F. **A ideia de paisagem.** Figueirinhas, Porto, 2008.
- BERQUE, A. **Écoumène: introduction à l'étude des milieux humains.** Belin, Paris, 1987.
- BESSE, J. M. **Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia.** São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BÜDEL, J. **Climatic Geomorphology.** Princeton University Press, Princeton, 1982.

- BUDYKO, M. I. Man and Biosphere. In:_____. **The evolution of the biosphere**. D. Reidel Publishing Co. Dordrecht, 1968, p. 294-330. (Chapter 9.)
- CARTER, J. E. **Cem anos de evolução**. São Paulo: IBRASA, 1959.
- CAUQUELIN, A. **A invenção da paisagem**. São Paulo: Martins, 2007.
- CHARDIN, P. T. The antiquity and world expansion of human culture. In: **Man's Role in Changing the Face of the Earth**. International Symposium. Werner Green Foundation for Anthropological Research. The University of Chicago Press, Chicago, 1955, p. 103-114.
- CIRLOT, J. E. Paisagem. In:_____. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Centauro, 2005, p. 438-441.
- COELHO, R. Da antropologia simbólica à antropologia cognitiva. **Revista Imaginário**, p. 9-39, São Paulo, USP, 1993.
- DARWIN, C. **On the origin of species**. Londres, John Murray, 1859.
- DAVIS, W. M. The geographical cycle. **The Geographical Journal**. The Royal Geographical Society Edward Stanford. Vol. XIX, nº 5, p. 481-504, Londres, 1899.
- EBERLE, M. **Individuum und Landschaft: zur Entstehung und Entwicklung der Landschaftsmalerei**. Anabas Verlag, Giessen, 1980.
- ENGELN, O. D. von. **Geomorphology: systematic and regional**. New York: The Macmillan Company, 1942.
- GOULD, P. On mental maps. In: **Man, space and environment**. Concepts on contemporary Human Geography. English, P. W. e Mayfield, R., editors. Oxford University Press, Nova Iorque, 1972.
- HALLAIR, G. Théorie du paysage et théorie du relief dans la première moitié du XX siècle: Siegfried Passarge (1867-1958) versus William Morris Davis (1850-1934). **Géomorphologie: relief, processes, environment**, n. 3, p. 319-334, Paris, 2011.
- HUTTON, J. **Theory of the Earth**. 2 volumes. William Creech, Edinburgo, 1795. Johnson reprint corporation, 1959.
- JUNG, C. G. **O homem e os seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- LOWENTHAL, D.; PRICE, H. C. English landscape Tastes. In: **Man, space and environment**. Concepts on contemporary Human Geography. English, P. W. e Mayfield, R., editors. Oxford University Press, Nova Iorque, 1972.
- LYELL, C. **Principles of Geology**. 2 volumes. John Murray, Londres, 1830-1832.
- MAGNI, C. A. Retórica, paisagem e comunicação: paisagário e paisageria nas crônicas de Caio Fernando Abreu. **Conexão, comunicação e cultura**, U. C. S. Caxias do Sul, vol. 10, nº. 19, p. 141-159, 2011.
- MASSEY, D. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MITHEN, S. **A pré-história da mente: a origem da arte, da ciência e da religião**. Editora da UNESP, São Paulo, 2002.
- MONBEIG, P. Papel e valor do ensino da Geografia e de sua pesquisa. In:_____. **Novos estudos de geografia humana brasileira**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1957, p. 5-25.
- NORTHROP, F. S. C. Man's relation to the Earth in its bearing on his aesthetic, ethical and legal values. In: **Man's Role in Changing the Face of the Earth**. International Symposium. Werner Green Foundation for Anthropological Research. The University of Chicago Press, Chicago, 1955, p. 1052-1070.
- OAKLEY, K. **Cronología del hombre fossil**. Barcelona: Editorial Labor, 1968.
- PASSARGE, S. **Die Grundlagen der Landschaftskunde**. 2 volumes. Friederichsen, 1919-1921.
- PASSARGE, S. **Die Landschaftsgürtel der Erde: Natur und Kultur**. Ferdinand Hirt, Breslau, 1922.
- PENCK, W. **Die morphologische Analyse**. J. Engelhorn Nachf, Stuttgart, 1924.
- RAFFESTIN, C. Du paysage à l'espace. **Heródote**, nº. 9, p. 90-104. Librairie François Maspero, 1978.
- RIBEIRO, A. Tempo de cérebro. **Estudos Avançados**, 27 (77), p. 7-22. Instituto de Estudos Avançados da USP. São Paulo, 2013.

- RICHTHOFFEN, F. F. Von. **Führer für Forschungsreisende...** Robert Oppenheim. Berlin, 1886.
- _____. Aufgaben und methoden der heutigen Geographie. Antrittsrede gehalten in der aula der Universität Leipzig am 27 april, 1883. **Probleme der allgemeinen Geographie**, p. 22-39, Ernst Winkler Verlag. Wissenschaft und Buchgesellschaft. Darmstadt, 1975.
- RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Editora da UNICAMP, Barão Geraldo, 2007.
- ROUGERIE, G.; BEROUTCHACHVILI, N. **Géosystèmes et paysages: bilan et méthodes**. Armand Colin, Paris, 1991.
- SANTOS, M. De la société au paysage. **Heródote**, n°. 9, p. 66-73. Librairie François Maspero, 1978.
- SCHLÜTER, O. Die analytische Geographie der Kulturlandschaft. In: **Das Wesen der Landschaft**. Editor Karlheinz Paffen. Wissenschaftliche Buchgesellschaft. Damstadt, p. 315-321, 1973.
- SCHULTZ, H. D. **Die deutschsprachige Geographie von 1800 bis 1970**. Ein Beitrag zur Geschichte ihrer Methodologie. Abhandlungen des Geographischen Instituts Anthropogeographie. Band 29 Selbstverlag des Geographischen Instituts der Freien Universität, Berlin, 1980.
- SEMPLE, E. C. **Influences of Geographic Environment, on the basis of Ratzel's System of Anthropogeography**. H. Holt, Londres, 1911.
- SILVA, F. C. T. História das paisagens. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. **Domínios da História: ensaios de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier; Campus, 1997. p. 203-16.
- SIMMEL, G. **A filosofia da paisagem**. Covilhã: Lusosofia, 2009.
- SONNENFELD, J. Geography, perception and the behavioral environment. In: **Man, Space and the Environment**. English, P. W. e Mayfield, R., editors. Oxford University Press, Nova Iorque, 1972.
- SOTCHAVA, V. B. Das Systemparadigma in der Geographie. **Pettermans Geographischen Mitteilungen**, 118, 1974, p. 161-166.
- TROLL, C. Landschaftsoekologie als geographischsynotische Naturbetrachtung. In: **Oekologische Landschaftsforschung und vergleichende Hochgebirgsforschung**. Erdkundliches, Wissen II, Wiesbaden. P 1-13, 1966.
- _____. **Die tropischen Gebirge: Ihre dreidimensionale klimatische und pflanzengeographische Zonierung**. Heft 25, Bonner geographische Abhandlungen. Ferdinand Dümmlers, Bonn, 1959.
- _____. Die Landschaftsgebiete der tropischen Anden. Inhandl. 24 Dt. Geographentag zu Danzig, p. 263-270, 1932.
- WAGNER, P. L. Cultural landscapes and regions: aspects of communication. In: **Man, space and environment**. Concepts on contemporary Human Geography. English, P. W. e Mayfield, R., editors. Oxford University Press, Nova Iorque, 1972, p. 55-67.